

## Destinos acessíveis podem fazer a diferença

À frente do Instituto de Cidades e Vilas com Mobilidade, Paula Teles explicou, em entrevista à *Smart Cities*, a importância do Turismo Acessível, cujo potencial, só em turismo interno, pode chegar aos 900 milhões de euros/ano. Para a especialista, a acessibilidade para Todos não pode limitar-se aos destinos turísticos e deve fazer parte da estratégia de futuro de todos os territórios.

FILIPA CARDOSO

### Como caracteriza o mercado do Turismo Acessível em Portugal?

**Paula Teles:** Estudos económicos evidenciam que cidades acessíveis são, efectivamente, cidades mais competitivas para viver, trabalhar e visitar. Esses mesmos estudos argumentam a tese de que a acessibilidade não é apenas uma questão de pessoas com deficiência, mas, essencialmente, uma questão económica, comprovando, com dados concretos, que mais pessoas viajariam se o destino tivesse condições de acessibilidade, não só em hotéis e restaurantes, como no próprio espaço público, enquanto espaço urbano de compras, conhecimento turístico, cultural e de serviços. Transportando a realidade destes estudos para Portugal, país com cerca de dez milhões de habitantes, também se pode aferir da importância que a promoção da acessibilidade e, consequentemente, do Turismo Acessível pode ter no desenvolvimento do território, principalmente no actual contexto de crise. Portugal é um território onde existem cerca de dois milhões de idosos, um milhão de cidadãos com deficiência, 550 mil crianças com menos de cinco anos e outros milhares de pessoas com outros tipos de problemas de mobilidade. Estas questões ganham especial relevo, pois não podem ser ignoradas, também na perspectiva do Turismo.

### Qual o potencial em termos económicos?

Para atestar a relevância deste segmento em termos económicos no sector, basta efectuar uma simples equação, englobando apenas as pessoas com deficiência: se 50% dos cerca de um milhão de pessoas com deficiência em Portugal viajar uma vez

por ano e com uma estada média de 13 dias, adicionando um gasto de 65 euros por dia, obtemos um resultado de mais de 420 milhões de euros. Contudo sabemos que as pessoas com deficiência raramente viajam sozinhas, pelo que, se à equação anterior adicionarmos a presença de um acompanhante, obtemos valores muito próximos dos 900 milhões de euros.

### Como é que essa oportunidade pode ser aproveitada?

Esta aposta apenas poderá ser ganha quando todos, sem excepção, desde as entidades públicas às privadas, estiverem sensibilizados para a importância do tema, mas também quando o destino e o produto estiverem bem identificados e não induzirem em erro quem viaja com o objectivo de encontrar um local acessível.

### O que tem sido feito nesse sentido?

O Governo português, pela primeira vez no Plano Estratégico Nacional do Turismo, definiu o Turismo Acessível como estratégico. Esse foi um enorme passo. O Turismo de Portugal tem desenvolvido um conjunto de acções nesse sentido, mostrando ser uma alavanca com enorme interesse nesta matéria. Assim sendo, acredito que, e como já nos tem habituado, consiga juntar os diferentes operadores para também se unirem neste desafio, fazendo crescer o tema em Portugal. Simultaneamente, as Entidades Regionais de Turismo já começam a dar nota de alguns passos nesta matéria. Por exemplo, a Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal lançou, este ano, o primeiro número impresso da revista "Porto e Norte TEM", exclusivamente dedicada ao turismo acessível.

### A acessibilidade universal deve ser uma prioridade de investimento das cidades?

Nos últimos anos, cada vez mais, a acessibilidade tem ganho a importância merecida da parte dos decisores políticos e dos projectistas, afigurando-se como algo integrante, indissociável à arte de bem projectar e que garante, indubitavelmente, maior qualidade e conforto ao espaço urbano. Neste sentido, as intervenções nas cidades portuguesas que passaram a reflectir, no seu desenho, também as preocupações com a acessibilidade, têm sido consideradas como mais amigáveis para com todos os cidadãos, pelo facto de integrarem esta componente nas diferentes especialidades do projecto, pela facilidade de leitura e utilização do espaço, pelo conforto, simplicidade e segurança proporcionada. Por tudo isto, consideramos que a acessibilidade tem e continuará a ter um papel decisivo e determinante no futuro das cidades, sendo, inclusive, um dos factores de avaliação dos projectos a figurar no Quadro Comunitário Portugal 2020.

### Quais são as suas expectativas para aplicação desses fundos?

Espero que todos os nossos investimentos desenvolvidos no 2020 sejam oportunidades para criarem vilas e cidades acessíveis a todos. Esta é a nossa última esperança. Desejo que o mecanismo de avaliação do Quadro Comunitário seja bem focado nesta matéria.

### De entre as várias iniciativas em que está envolvida, destaca-se a Rede de Cidades e Vilas de Excelência. Do que se trata?

É um projecto inovador e integrador de desenvolvimento urbano para as



*“Esta aposta apenas poderá ser ganha quando todos, sem excepção, desde as entidades públicas às privadas, estiverem sensibilizados para a importância do tema, mas também quando o destino e o produto estiverem bem identificados e não induzirem em erro quem viaja com o objectivo de encontrar um local acessível”.*

áreas das Acessibilidades, Mobilidade Amigável, Regeneração e Vitalidade Urbana e Turismo. No seio do Instituto de Cidades e Vilas com Mobilidade, instituição sem fins lucrativos, cuja missão é, entre outras, a da promoção do desenvolvimento integrado harmonioso e sustentável do território em geral e das cidades e vilas em particular. Este projecto está em franco desenvolvimento e, por estar a correr tão bem, acaba de ser exportado para Espanha, onde deve arrancar ainda este ano.

### Como surgiu?

A Rede de Cidades e Vilas de Excelência surgiu da percepção de que as autarquias necessitam de conhecer boas práticas das suas congéneres para ampliar a eficácia, a eficiência, o conhe-

cimento e as competências, face aos enormes desafios que se aproximam com a entrada do novo programa Portugal 2020. Através do funcionamento em Rede, proporciona-se, aos seus membros, maior eficácia e eficiência de meios, maior competência política e técnica na decisão, maior assertividade nas intervenções, maior rendibilidade, acompanhadas de uma substancial melhoria de aproveitamento dos fundos estruturais europeus. Atribuindo à cidade um papel chave na retoma económica, obtêm-se claros reflexos na empregabilidade, dinâmicas comerciais e de serviços, surgimento de novas empresas de índole urbana. Trabalhar em rede, face à crise instalada, é a melhor forma de estimular e operar uma retoma da economia local.